

“Caríssimo Dr. Zé”: os intercâmbios intelectuais e afetivos nas correspondências de José Américo de Almeida e sua professora de primeiras letras Julia Verônica dos Santos Leal

Luiz Mário Dantas Burity¹

Resumo: José Américo de Almeida dedicou um espaço muito especial das suas memórias à sua professora de primeiras letras, ele dizia que por causa dela teria descoberto sua vocação para *homem de letras*. Ao passo em que, também ela dedicou a ele um espaço importante de sua imagem pública, seria reconhecida em sua velhice como a professora do ministro. O objetivo desse texto é discutir como a memória das aulas de primeiras letras foi agenciada por ambos ao longo das correspondências e de seus relatos autobiográficos. Isso significa observar os diferentes espaços sociais atribuídos aos intelectuais criadores, como os literatos, e às intelectuais mediadoras, no caso da professora de primeiras letras, conforme definem Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016). Consideradas essas circunstâncias, foi possível observar um intercâmbio constante de memórias entre o político e a professora, o qual perdurou, em dezenas de cartas trocadas, por mais de duas décadas.

Palavras-chave: correspondências; intelectuais; primeiras letras.

Abstract: José Américo de Almeida gave a special space in his book of memories to his first letters teacher. He told that she was responsible to discover his vocation to be a man of letters. In the other way, she also made an important place to him in her public image. When she was an old woman, she was going to be called like the teacher of the minister. The objective of this paper is discourse how the memory of the first letters classes was agency by both inside the correspondences and biographical narratives. It means to observe the different social places where creator intellectuals, like the writers, and the mediator intellectuals, like the first letters teacher, lives, how we could read in Angela de Castro Gomes and Patrícia Hansen (2016). Seeing this, we could observe the exchanges of memories between the politician and the teacher, which happen in middle of a lot of letters for more than two decades.

Keywords: correspondences; intellectuals; first letters.

¹Doutorando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com orientação da Profa. Dra. Lucia Grinberg. E-mail: marioburyt@hotmai.com.

Há certos tipos de documentos que não apenas testemunham a maneira como as pessoas viveram o passado, mas também dão notícia da forma como algumas personagens gostariam de ser lembradas. Esses registros, com suas diferentes configurações – cartas, diários, autobiografias, discursos, fotografias, coleções entre outros – conformam uma espécie de “teatro da memória”. As narrativas inscritas em cada um desses suportes, mas também o que elas dizem quando estão em conjunto, incorporam tentativas de conferir sentido à vida de um sujeito. Nas palavras de Angela de Castro Gomes (2004, p.16): “a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto”, o que implica em um exercício constante de “ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida”.

As correspondências, dentre o universo de possibilidades materiais e discursivas, guardam por especificidade a sua característica eminentemente relacional. Isso significa que a escrita de si na atividade epistolar pressupõe, mais que em outros suportes, a interação de duas pessoas na construção dessas narrativas memoriais. A comunicação por meio das cartas, contava Brigitte Diaz (2002), costuma predispor de um pacto epistolar entre remetente e destinatário. Além de escrever, é preciso escolher o papel e o envelope, a tinta da caneta ou da máquina de datilografia, levar a uma agência postal. Mais do que ler, é de bom tom responder e, sobretudo, guardar. As missivas costumam ser armazenadas nos quartos ou nas bibliotecas dos destinatários e, por isso, compõem as narrativas de um arquivo pessoal que é alheio ao da pessoa que as escreveu.

As cartas da professora de primeiras letras sobreviveram ao tempo em meio às muitas missivas que José Américo de Almeida acumulou ao longo da vida. O catálogo de seu arquivo pessoal, repositório do material consultado para a elaboração desse texto, dá notícia de mais de cinco mil cartas recebidas e duas mil expedidas, para além dos quase cinco mil telegramas remetidos a ele. Apesar da densidade desse material, grande parte das quais datilografadas ou escritas sem maiores cuidados gráficos, as quarenta e cinco correspondências escritas por Julia Verônica dos Santos Leal se destacavam por sua estética singular.

O asseio dos papéis de carta e respeito às margens, as letras inclinadas e excessivamente desenhadas – sobretudo as maiúsculas – testemunhavam um controle preciso da caligrafia, expressão tão cara às professoras de primeiras letras, sobretudo na primeira metade do século XX, quando os modelos mais tradicionais e modernos de educação conviviam na sala de aula e a disciplina na escrita era critério para a avaliação das capacidades de ler e escrever. Mas essa estética também se definia na forma como as narrativas eram estruturadas, bem como na escolha das saudações e das despedidas: “Sempre caro Dr. Zé” e “Sempre amigo”, com atenção especial para as letras sobreescritas nas abreviações.

Júlia Verônica dos Santos Leal deve ter nascido nos anos 1870 em Areia. Vivia com a sua mãe, quando foi convidada pela família de José Américo para trabalhar como preceptora das crianças. Começava, dessa maneira, a sua trajetória na carreira docente. Depois de três anos

nessa função, passou a dar aulas em escolas de primeiras letras, o que fez pelo menos até os seus setenta anos. Constituiu matrimônio e teve descendência, como é possível observar em suas correspondências e relatos memoriais. O seu trabalho como intelectual pressupunha a mediação cultural, o que significa pensar, de acordo com Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016), antes a maneira como as pessoas apreendem os produtos culturais do que propriamente cria-los. Esses são atores e atrizes nem sempre reconhecidos na cena pública, mas nem por isso menos importantes em seu potencial de intervenção social.

José Américo de Almeida nasceu no Engenho Olho d'Água, nas proximidades de Areia, em 10 de janeiro de 1887. Formado pela Faculdade de Direito do Recife em 1908, ocupou postos de promotor público, procurador geral, conselheiro jurídico do estado. Ingressou na vida política como secretário, foi ministro mais de uma vez, senador e candidato à presidência da República. Algum tempo mais tarde, seria ainda governador da Paraíba. Mais isso não era tudo, tratava-se de um intelectual *stricto-senso*, reconhecido como tal entre os pares, sobretudo depois que da publicação do romance *A Bagaceira* em 1928. Entre a intelectual mediadora e o intelectual criador, portanto, foi construída uma sociabilidade especialmente rica de sensibilidades que se tornaram imprescindíveis na vida de um e do outro.

As cartas de Júlia foram devidamente guardadas pelo seu ex-aluno devem ter recobrado um asseio especial em sua biblioteca. Em meio a tantos correspondentes ilustres que ele manteve ao longo da

vida, a sua professora de primeiras testemunhava uma parte importante de sua biografia. Ela seria incorporada às suas memórias como uma espécie de mito de fundação de sua trajetória intelectual e política, como ele fez questão de descrever no capítulo *Homem de letras* do livro *Antes que me esqueça*, publicado pela primeira vez no ano de 1976. Em outras palavras, persistia entre os dois uma espécie de pacto epistolar que, nesse “teatro de memórias”, servia a ambos enquanto jogo de afetos e posições demarcados por lembranças e compromissos pessoais.

O objetivo desse texto foi discutir como as memórias das aulas de primeiras letras foram agenciadas nas correspondências e nos relatos autobiográficos de ambos, o que evidentemente implica em observar o momento da vida nos quais esses testemunhos foram produzidos. Assim, foram consultadas as missivas e os relatos autobiográficos de Julia e José Américo. A documentação consistiu em cartas remetidas por ela para ele, que contabilizam quarenta e três, expedidas entre 1938 e 1967, além de dois telegramas. Em contraposição a isso, foi identificada apenas uma mensagem dele para ela, em meio às outras que decerto existiram. Esse material foi acessado no Arquivo Pessoal José Américo de Almeida na Fundação Casa de José Américo.

O ex-aluno governador na trajetória econômica e afetiva de uma professora

Aos vinte e cinco anos, Julia Verônica dos Santos Leal era uma moça solteira, que morava em companhia de sua mãe na vila de Areia. Tratava-se da filha do professor de latim José Berardo, ainda que ela

nunca falasse dele. Era ele filho ilegítimo de Augusto José dos Santos Leal, o qual jamais casou, ficou cego e morreu cedo na fazenda Jandaíra. Apesar das circunstâncias de neta bastarda, ela contava que tinha boas relações com a família, tanto que ocasionalmente, quando as primas queriam passar um tempo na cidade, um de seus tios – ela não especificou qual – só permitia caso ficassem hospedadas em sua casa. Ela seria, ou gostaria de ter sido, assim reconhecida como uma parenta no circuito próximo de sociabilidades da família, aquele que envolve a confiança dos valores mais sagrados de uma descendência, sobretudo no mundo das mulheres, a honra. Àquela ocasião, o vigário daquela freguesia era o padre Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, o qual costumava fazer recepções em sua casa aos domingos, que ela frequentava quando recebia visitas².

Em certa ocasião, quando o padre expulsou do logradouro público um grupo de jovens que namoravam na praça da vila, esses teriam se vingado disseminando histórias que insinuavam uma possível relação daquele pároco com a órfã Julia. O capitão Inácio Augusto de Almeida, marido de sua prima Josefa Leopoldina Leal de Almeida, ao tomar conhecimento dos boatos, teria decidido: “meu irmão é um Padre, Julia é uma moça honesta, vou retirá-la e convido-a para a mestra educadora dos filhos”. Ela aceitou o convite prontamente. Mudou-se para o engenho no dia 4 de setembro de 1894 e restou por ali até fevereiro de 1897, quando as complicações na saúde de sua mãe a

²Relatos de memória de Julia Verônica dos Santos Leal. Arquivo Pessoal José Américo (APJA).

obrigaram a retornar para a cidade. Ao longo desse tempo, deu aulas para as crianças mais velhas, à exceção do primogênito Inácio, que já deveria morar na vila com o tio vigário. Tratava-se de Jaime, Maria das Neves, Maria Amélia e José Américo.

Ao que indicam as correspondências, Julia viveu a sua profissão como boa parte das professoras de primeiras letras da primeira metade do século XX, devotava-se à causa das letras como uma missão e também por isso tratava aquelas crianças como filhos e filhas. Esse fenômeno, em certa medida, era resultado de uma imagem construída na virada do século, quando da feminização do magistério. Esse processo, conforme Wilson José Félix Xavier (2015), não se deu como uma saída das mulheres do ambiente doméstico para o mercado de trabalho. Foi, antes disso, um processo de conformação da imagem das mães cuidadosas e atentas às necessidades instintivas das crianças que se materializava na figura da professora:

Para muitos alunos e alunas (e também pais e mães) as incertezas, medos e conflitos (reais ou imaginários) que se estabeleciam na distância da Casa (o porto seguro) podiam ser atenuados com a presença da professora como imaginária “segunda mãe”, ser afetuoso e acolhedor, que no decorrer do século XX, se transformaria na controversa figura da “Tia” (XAVIER, 2015, p.170).

Em meio a esse novo imaginário que constituía a imagem da mãe-professora e tornava a palavra educação mais usual que instrução, duas figuras eram contrapostas como representativas da escola tradicional e da escola nova: “os mestres-escolas passavam a ser

identificados à escola antiga – tradicional, mnemônica e adepta da marcha sintética de leitura”, a despeito disso, “as jovens professoras normalistas, pretensamente mais doces e com maior capacidade de ‘inspirar a infância’, começavam a despontar como ícones da nova educação, mais intuitiva, ativa e adepta do método analítico de leitura” (XAVIER, 2015, p.167).

Julia, ao que tudo indica, era uma professora leiga, que começou a trabalhar em um tempo no qual a escola normal do estado formava poucas mulheres, com um público prioritariamente oriundo da capital. Em sendo assim, parecia ocupar, nessa régua do novo e do antigo, um espaço intermediário, calcado por métodos mais clássicos de ensino-aprendizagem, mas na figura de uma mulher. Com a passagem das décadas de ofício, é provável que ela tenha se ambientado com as novas práticas e as novas afetividades impostas para o trabalho docente, mas a falta do título e da vivência na escola normal decerto pesava sobre a sua carreira.

As péssimas condições salariais e as limitadas possibilidades de arranjar o casamento abastado criavam uma relação de dependência econômica e afetiva entre a professora e os seus ex-alunos. Era o caso de Julia, que teve seu próprio estabelecimento de ensino em tempos da Primeira República, mas depois ficou a serviço do estado, cujo ordenado era pouco, não mais que o suficiente para pagar as suas contas mais urgentes. A situação ficou ainda mais grave depois dos anos 1930, quando a exigência do curso normal ficou mais frequente. Julia, enquanto professora leiga, foi posta como “classe única” na folha de

pagamentos, sem espaços para progressão salarial ou grandes gratificações. Além disso, ficaria para ela a obrigação de dar aulas em escolas de ensino noturno masculinas, demanda que pesava sobre uma mulher de quase setenta anos³.

Datava desse momento, mais especificamente do dia 9 de maio de 1938, a primeira correspondência enviada por Julia encontrada no arquivo pessoal José Américo. Essa carta, no entanto, dava notícia de outra missiva que a antecederia, na qual a professora pedia apoio pecuniário aos seus ex-alunos, provavelmente não às suas ex-alunas, para adquirir a outra parte da casa de seu pai que era de herança sua e de seu irmão. Alguns dos destinatários responderam a solicitação com alguma quantia. José Américo deve ter feito diferente, perguntando quanto seria necessário.

A casa custava seis contos de réis e a metade que deveria pagar totalizava três contos de réis, dos quais ela já tinha dois terços, faltando a terça parte restante, mas também era preciso fazer reparos. O irmão havia morado nela por 25 anos, mas sequer fizera qualquer melhoramento ou asseio, “nunca fez um pequeno trabalho ao menos de espanar”. Nessas circunstâncias, ela concluía: “Confiante em Deus que não me há de desamparar na dolorosa quadra da velhice, exausta e doente, apelo para os corações amigos e confio no êxito da minha pretensão”, mas ponderava, “acho que é muito para V. só, 1:000\$000 [um conto de réis]; resolva o meu caro amigo e depois o compensará,

³Julia é citada em um quadro de pagamentos de professores publicado no jornal *A União*, na qual ela é associada à Escola Noturna Masculina de Areia (*A UNIÃO*, 9 fev. 1941, p.2, 3 e 4).

pedirei muito para em duplo dar-lhe todas as felicidades a si e a todos os seus”⁴.

A despeito da intimidade que não deviam partilhar àquele primeiro momento, Julia logo se empenhou em destituir as formalidades, sobretudo nas saudações e nas despedidas, espaços prioritários para a disposição de tais rituais de aproximação e distanciamento. A professora chamava-o por “meu caro amigo” e acenava como “sempre amiga”, apostando no adjetivo como pressuposto da relação a ser construída. A despeito disso, a saudação construía um lugar para si na vida pública dele: “Sempre caro Dr. Zé”. A expressão jogava com as dimensões do público e do privado, era o doutor, intelectual e político renomado no cenário nacional, mas era também o Zé, seu ex-aluno, dotado das intimidades que a relação lhe permitiria. O vocativo, a propósito, deu certo e ela o repetiria sucessivas vezes nas muitas correspondências que sucederiam aquela.

José Américo remeteu a ela quinhentos mil réis, metade do valor total necessário, menos do que ela decerto esperava, mas ainda assim uma boa quantia, que faria diferença no montante. Ela agradeceu e, na carta enviada ao dia 24 de outubro de 1938, deu notícias da quitação da casa, bem como – finalmente – do recebimento dos seus ordenados atrasados. Reclamava, porém, da posição que o governo a deixara, aos sessenta e sete anos, trabalhando em uma escola noturna masculina, vislumbrava a aposentadoria, ainda que compulsória. Ainda nessa esteira, fazia um último pedido: “uma fotografia sua para colocá-la no

⁴Carta de Julia a José Américo, remetida ao dia 9 de maio de 1938 (APJA).

meu álbum, como o primeiro, o mais ilustre e o mais generoso dos meus ex-alunos, sim?”, explicava ela, “outros também me auxiliaram, embora com módicas quantias, porém, os tenho no coração agradecida. Bacharéis, médicos e agrônomos, todos amigos, tenho-os em meu álbum”⁵.

Ao se apresentar diante de outro sujeito, explicava Erving Goffman (1985[1959]), as pessoas procuram informações a seu respeito ao passo em que levam à baila o que já previamente conhecem. Em meio a esses processos comunicativos, os indivíduos jogam com as suas identidades e representam certos papéis, os quais levam a sério, na medida em que o modo como o outro vê também é parte constitutiva da forma como esse sujeito se percebe no mundo. A professora, portanto, observava a sua função na sociedade diante dos muitos homens de poder que havia formado, dentre os quais se destacava o ministro José Américo.

Ela não apenas pedia uma fotografia como explicava as razões de fazer isso. Era bom que ele soubesse dos muitos outros homens de prestígio que haviam passado pelos bancos escolares ou pelas esteiras na sala da casa grande, sobre as quais ela ensinava a ler, a escrever e a contar. Dessa maneira, seria possível concluir, tomando por base essa rápida estatística, que todo aquele sucesso no mundo público tinha participação sua. Em todo caso, não devia ser mentira que em sua casa houvesse um álbum de fotografias, recheado dessas muitas referências aos sujeitos de prestígio que ela havia formado.

⁵Carta de Julia a José Américo, remetida ao dia 28 de outubro de 1938 (APJA).

Com o tempo, a propósito, ela apenas aumentou essa coleção de feitos de seus ex-alunos, com destaque especial para aquele que, ela não cansava de destacar, tinha sido não apenas o primeiro, mas também o mais destacado deles. Quase duas décadas mais tarde, na carta escrita no dia 3 de fevereiro de 1956, na qual parabenizava os feitos da administração de seu aluno no governo do estado – que, diga-se de passagem, foi interrompido pelos quase dois anos nos quais ele foi convidado, uma vez mais, para ocupar a chefia do Ministério de Viação e Obras Públicas – ela confessava com orgulho: “Guardei todo este tempo a coleção de ‘Norte’ que discorria a sua Via Crúcis naquela fase cruel da sua propaganda política!”⁶. Esse exercício de colecionar materiais povoados de memórias, ensina Angela de Castro Gomes (2004), altera o sentido dos espaços da intimidade e recompõem a narrativa da vida de um indivíduo.

A despeito dessas representações que tinham por suporte o gênero epistolar, o álbum de fotografias e as pilhas de jornais, entre outros materiais que endossavam as lembranças de sua vida, compunham o cenário da casa da professora e comunicavam do seu passado e da importância de seu ofício para as pessoas que ocasionalmente a visitavam na cidade de Areia. O cenário, enfatizava Erving Goffman (1985[1959]), é o suporte dessa ação humana, sobre as quais elas negociam as suas identidades. Algumas das cartas enviadas por Julia dão sinal da forma como essa identidade de “professora do governador” ou “professora do ministro” constituía uma ambiência

⁶Carta de Julia a José Américo, remetida ao dia 3 de fevereiro de 1956 (APJA).

específica de sociabilidades naquela localidade. A partir dos anos 1950, quando José Américo era governador do estado, ela remeteu a ele cartas nas quais pedia por pessoas próximas.

Acontecia que, passadas as primeiras correspondências trocadas entre os meses do ano de 1938 – deve-se registrar que a julgar pelas informações constantes nas correspondências, elas deviam demorar algo em torno de quinze dias para sair de Areia e chegar a João Pessoa – houve um longo interregno entre as correspondências do ministro e da sua professora de primeiras letras. Apenas no ano de 1943, voltaram a se corresponder, por iniciativa dele. Nesse tempo, a ditadura do Estado Novo entrava em declínio e o intelectual e político devia vislumbrar seu retorno à vida pública e, quem sabe, nova oportunidade de se candidatar à presidência da República. Ele dizia que gostaria de esclarecer algumas informações a respeito de sua infância – algumas datas, como o ano no qual a epidemia de febre amarela, a idade com a qual fora morar na casa de seu tio vigário, as capacidades que já tinha há esse tempo e o que ele costumava ler. Ela respondeu com detalhes. Foi quando devem ter se aproximado, entre as visitas que ele provavelmente fez à cidade de Areia, sobretudo durante a campanha para governador em 1950, ou em alguma das vezes que ela foi a João Pessoa.

Em sequência a esse movimento do ex-aluno, Julia deve ter ficado mais à vontade para insistir no contato, mas não o faria de imediato, e sempre com razões muito específicas. A carta escrita ao dia 15 de janeiro de 1954, pedia pela professora Silvinha Rodrigues, que em governos anteriores ao dele havia sido transferida para a cidade de

Guarabira, mas que desde a sua posse se estabelecera de volta em uma cadeira em Areia. A solicitação era para que o intelectual e político intercedesse junto às freiras do Colégio Santa Rita para que dispensassem a docente do pagamento das mensalidades do curso da filha, considerada a péssima condição financeira da família depois que seu esposo ficara com a firma parada. A correspondência subsequente relatava a absurda tentativa da maçonaria de por abaixo a “tradicional palmeira da Rua do Cemitério”.

Julia remeteria ainda uma terceira carta, dessa vez escrita ao dia 10 de dezembro de 1955. A professora desculpava-se pela insistência com a qual recorria a ele quando o desespero dos amigos batia à sua porta: “esta irá de novo, talvez aborreça-lo, mas, não posso deixar de atender a pedidos de pessoas tão amigas e aliás, bem feitoras!”. Tratava-se do caso de uma ex-aluna, esposa do Dr. Laudemiro Leite de Almeida, professor da Escola de Agronomia do Nordeste que se achava preso havia mais de três meses e sofria perseguição por parte do promotor público da comarca. Constava nos autos do processo que, no dia 27 de setembro de 1955, ele teria desfechado um tiro em seu colega, o doutor Aluísio de Araújo, acertando-o de raspão no pescoço, depois de uma discussão por causa da compra de uma vaca. A professora dizia que o júri decerto votaria pela inocência. O pedido que ela então dirigia a ele era que o promotor não apelasse à segunda instância, o caso tivesse fim e a família pudesse seguir em paz a sua vida.

O destinatário atentou ao problema, tanto que, em meio às muitas outras correspondências que recebia em seu gabinete, escreveu

em seu cabeçalho “reservado”, deixando-a a parte, para que pudesse tratar daquela questão. E assim o fez, tanto que voltou a se corresponder com Julia solicitando informações mais específicas a respeito do caso, dessa vez por telegrama. A esse respeito, foram consultadas apenas as respostas dela, as quais tinham informações sobre a vaga de coletor federal e com informações sobre a filiação de alguns envolvidos. É possível conjecturar que José Américo tenha tentado conseguir a transferência do promotor ou a sua substituição. Em cartas escritas *a posteriori*, Julia agradeceu o apoio. A intervenção, porém, não deu certo, a julgar pelo fato de que esse caso foi encontrado nos anais do Tribunal de Justiça da Paraíba⁷.

Os pedidos constituem uma máxima das correspondências de políticos e demandam uma retórica própria, detalhava Angela de Castro Gomes (2000, p.32): “frequentemente a correspondência de pedidos inclui uma estratégia de apresentação do próprio demandante, seguida de uma justificação da demanda, devendo haver uma sólida e lógica articulação entre quem pede e o que é pedido, para que a justiça do pleito surta efeito”. Por outro lado, a remetente se tornava, cada vez mais, uma conhecida e prestigiosa intermediária das demandas das pessoas daquela comunidade com o governador do estado. Para isso, vestia o personagem, dotava-se de intimidades, mas criava novos territórios, abdicava do vocativo “meu caro Dr. Zé”, que fora característico de outros momentos, e recorria ao atual espaço dele

⁷Apelação criminal n.3397 da comarca de Areia. *Revista do Foro*, n.65, jan./dez.1957, p.147-153.

“Caríssimo Governador”.

O trabalho político *stricto-senso*, explicava Michel Offerlé (2005[1998], p.358), exige a invenção de uma ampla gama de tecnologias para conquistar o eleitorado: “o candidato recebe votos porque ele se apresenta sob um programa e uma etiqueta políticos, instrumentos de ruptura com sua identidade pessoal”. Esse processo pressupõe o conhecimento das vontades e das necessidades da sociedade civil, bem como certa capacidade de negociar com ela as pautas que corroboram com a constituição dessa agenda de governo. Em meio a esse processo, é possível arriscar que, de modo mais ou menos informal, Julia se tornava, dentre outras tantas coisas, uma intermediária entre o político e seu eleitorado. No caso, as pessoas de sua terra natal, a qual deveria ser o *locus* prioritário de sua atividade pública, se tomada por referência certa ideia de “pátria local” que persistia no senso comum das freguesias do interior do estado.

José Américo envelhecia e passava a aparecer nos círculos sociais cada vez mais como um veterano da política nacional. Dessa maneira, emergia um olhar memorialístico no seu entorno, tanto por parte dele como por iniciativa de jornalistas, historiadores, cientistas políticos, literatos etc. Assim, as narrativas de sua vida se tornaram mais comuns nos jornais, revistas, livros, programas de rádio etc. Nessa época, Julia contou do seu contentamento em ver seu nome no jornal *A União*:

Talvez o nobre Governador não possa considerar a inaudita surpresa que causou-me, ao ler a “*União*”, ver o meu Revista Vernáculo n.º 44 – segundo semestre/2019

ISSN 2317-4021

humilde e obscuro nome, junto aos de homens ilustres e dignos dessa honra, acredice meu caro Governador, fiquei surpresa!...

Será possível?... Quem sou? O que fiz para receber esta prova de tanta consideração da parte do maior dos paraibanos vivos e o maior dos Governadores que já teve a Paraíba!...⁸.

Em 1958, a circunstância era outra. Àquela ocasião, o político que, dentre outras coisas, havia professado em sua campanha ao governo do estado de 1950 o slogan “o candidato da família e da religião”, estava sendo acusado, contava a professora em sua correspondência, de ter maltratado a sua mãe viúva. Em sendo assim, caberia a Julia corrigir a veracidade dos fatos narrados, com a autoridade de quem viveu a infância e partilhou da intimidade da família de José Américo:

A sua juventude e mocidade aqui em Areia, foi o princípio desta sua ilibada conduta, jamais envolvida de indecências e atos que manchassem o seu caráter impoluto de moço que se destacava dos demais! Educado ao lado do venerado tio Vigário Odilon, com o exemplo de um irmão (seu pai adotivo) moço modelar, jamais pensaria em desmentir sua educação moral e formação espiritual iniciada pela sua velha mestra e dedicada amiga Julia Leal! Esta acompanhou-o, estando, estando sempre ao seu lado desde o tempo que estudou no Seminário; o qual deixou aos 17 anos, seguindo para a Academia de Direito. Terminando o Curso de Direito, esteve em nosso meio, sempre cercado da convivência social, estimado e querido das melhores famílias do nosso meio. Retraído, entregue às suas leituras, evitava sempre a convivência com outros rapazes! Tinha por sua Mãe, D. Zefinha de Almeida a mais respeitosa estima e consideração, assim como, enquanto ela existiu, prestou-lhe toda a assistência devida! Em Areia, o seu nome

⁸Carta de Julia a José Américo, escrita no dia 11 de dezembro de 1955 (APJA).

foi sempre acatado com o devido respeito e admiração que se deve ter a um homem superior! Areia orgulha-se de ser Mãe!⁹.

A professora agenciava nesta narrativa a sua posição naquela história. Criava para si um papel preponderante, maior que o do tio e do irmão padres, dos valores apreendidos nas instituições de instrução secundária e superior, dos sentidos da educação familiar e, especificamente, materna. Além disso, em seu relato, a professora exagerava nos detalhes e imprimia-lhe uma saudação mais formal – Exmo. Ministro Dr. José Américo – mas não sem um adendo logo abaixo, entre parêntesis que testemunhasse a intimidade da relação – “(Caríssimo Dr. Zé)”. Era como se estivesse não apenas solidária em sua defesa, mas também fornecesse munição para que, caso quisesse, fosse possível publicar aquela mensagem em algum órgão da imprensa. O intento tomou ainda outras proporções, ao dia 4 de julho de 1958, oitenta e duas mulheres areienses fizeram um abaixo assinado atestando a sua moral e protestando contra as infâmias que estavam sendo disseminadas contra o referido político.

A campanha não deu certo e o candidato perdeu as eleições para o senado. Na carta em que Julia remetia o seu lamento pelos desarranjos da política, a professora despedia-se de uma forma diferente. Cumprimentava-se como “amigo e benfeitor”, sugerindo que havia começado ali uma relação mais sistemática de contribuições financeiras que a ajudariam dali por diante. A questão é que, a partir daquele

⁹Carta de Julia a José Américo, escrita no dia 24 de junho de 1958 (APJA).

momento, a quantidade de correspondências trocadas pela professora e seu ex-aluno aumentaram substancialmente. Entre 1958 e 1967, foram trocadas trinta e três cartas, com mensagens remetidas em quase todos os anos, alguns mais em outros menos. Àquela altura, ela completava seus oitenta e sete anos e tinha outras necessidades.

A velhice com a parca descendência e igualmente carente de recursos a tornava mais vulnerável e carente dos cuidados e do apoio financeiro de seus ex-alunos, sobretudo José Américo, considerado sempre o primeiro de todos eles, o mais bem sucedido e o mais devotado, e com o qual tinha certo grau de parentesco e maior tempo de convívio. Em todo caso, ela cobrava obstinada a manutenção desse recurso, e passava-lhe a lista de seus benfeiteiros: ao passo em que agradecia a última ajuda, informava, na carta do dia 18 de maio de 1959:

Vou passando, subindo o doloroso calvário, aguentando o peso dos 87 anos de sacrifício, trabalhos e privações!... Mercê de Deus e da Virgem Mãe, não me tem faltado o apoio material dos meus caros ex-alunos e amigos, a exceção dos “Almeidas”, são indiferentes!... Sinto dizer esta verdade. O Dr. Elpidio antes de ser político, dispensou-me cuidados e atenções em épocas bem dolorosas da minha adiantada vida do magistério!... visitas, exames, remédios... e dedicação, depois, tudo mudou...¹⁰

Parecia não incluir José Américo nessa lista dos “Almeidas” indiferentes a ela. Mas decerto que era uma maneira de exigir-lhe atenção e a continuidade nas ajudas. A esse respeito, falava das muitas

¹⁰Carta de Julia a José Américo, escrita no dia 18 de maio de 1959 (APJA).

dificuldades que a velhice impunha e do que era necessário para que pudesse ter uma vida mais condizente com o que necessitava: “Tratome como a saúde e a idade requer. Faço todo o serviço doméstico preciso. Costuro toda a roupa necessária, e passo-a ferro”. Encerrava dizendo, mais uma vez, do grande orgulho que tinha dele: “Aqui é praxe quando aparece um visitante de posição e me apresentam é praxe, ‘Julia Leal’ professora do Ministro José Américo!... então... nem lhe digo o resto, é admirável!”¹¹. As cartas tomavam cada vez mais esse tom, agradecia-lhe a atenção e a ajuda enviada, dava notícias suas, perguntava da capital, falava como andavam as coisas em Areia. No mais, citava a importância do ex-aluno e como isso impactava a vida dela, contava de suas preces.

A carta subsequente dava notícia de que seu neto Reinaldo Melo, que ora estudava em Ribeirão Preto, havia pedido que ela contratasse uma pessoa para o serviço doméstico e que ela o fizera, mas ainda costurava e administrava a casa. Para isso, ele mandava-lhe quinhentos cruzeiros ao mês. Ainda assim, e insistia sempre nesse ponto, a empregada seria uma decepção e ficava para ela fazer tudo. Além disso, pedia notícias de D. Alice, a esposa de José Américo, que desde 1958 andava mal de saúde e em 1962 faleceu. Ao passo disso, dizia ter sabido do derrame cerebral sofrido por Inácio, o irmão mais velho do destinatário, que morreu pouco depois. Ao dia 18 de outubro de 1963, remetia suas condolências também quanto à morte do outro irmão dele, Jaime.

¹¹Carta de Julia a José Américo, escrita no dia 18 de maio de 1959 (APJA).

As correspondências posteriores davam, cada vez mais, conta de sua rotina e dos problemas da cidade de Areia. Ela encantava-se com as festas do Colégio Santa Rita, do Ginásio Coelho Lisboa, da Escola de Agronomia do Nordeste, falava de alguns conhecidos e do que andavam fazendo. Além disso, implicava com o vigário da cidade, o Padre Ruy Vieira. Dizia que ele viajava muito e, por essa razão, a matriz vivia fechada, nada que se comparasse aos tempos saudosos do cônego Odilon de Almeida. Em meio a isso, passeava entre as suas memórias, falava do menino, dos irmãos e irmãs dele, do pai e da mãe, de seu tio. A memória parecia acalentar a sua velhice e dar sentido à sua vida, o que tornava a ideia da morte menos cruel e ajudava a passar o tempo tomado pelas dores do corpo cansado.

A carta subsequente era endereçada não mais de Areia, mas do Pensionato Carneiro da Cunha, sem informações quanto à data em que foi escrita ou remetida. A escolha no uso dessa localização em lugar do nome da cidade em que se encontrava era sinal de seu desejo de que essa informação tivesse destaque na missiva. Agradecia a remessa da “mensalidade”, era a primeira vez que denominava os recursos que recebia dessa maneira, e explicava a situação de sua saúde. Sofria uma moléstia, arteriosclerose, mas pretendia voltar logo à sua casa. O pensionato ficava na capital, partira para lá para fugir do frio das serras, que lhe doía os ossos. Em todo caso, estranhava sua hospedaria: “A impressão desagradável; pensionistas nos receberam horas depois, e logo tive a impressão de uma casa de enfermas, loucas, malucas

caducas etc.”¹². Encerrava dizendo que no domingo sempre aconteciam visitas, talvez sugerindo que ele fossevê-la.

Ao dia 14 de fevereiro de 1964, ela já estava de volta a Areia. Àquela localidade, voltava a relatar os muitos problemas com o padre, que não gostava dos idosos, e da alegria emvê-lo. José Américo a visitara, provavelmente durante a sua internação. Ainda assim, continuava a sentir dores, o frio não contribuía e a sua saúde ia mal. As cartas ficavam cada vez menores e menos tomadas de formalidades. Em certa medida, era possível dizer que com a intimidade e todos aqueles anos escrevendo longos textos, já não era mais preciso representar tanto. Estavam ambos cientes do papel que tiveram um na vida do outro. Apesar disso, ocasionalmente reclamava a falta de respostas.

A segunda internação foi inevitável, o frio da serra torturava demasiadamente os seus ossos. Em suas cartas dos últimos tempos em que morou em Areia, relatava o medo que tinha de voltar ao Pensionato Carneiro da Cunha, onde estivera outra vez “visitando as areienses que lá se achavam”. O temor sabotava a memória, mas não teve muita escolha e mudou-se para o Pensionato Santo Antônio: “Infelizmente estou num exílio, ignoro todo o passa na capital, não leio um jornal, soube da sua chegada por intermédio de uma amiga”. A caligrafia, conhecida pelo traço firme e letra desenhada, vacilava. Além disso, abandonava o papel de carta e escrevia em uma folha de caderno, provavelmente o que lhe tinha em mãos. Contava que, certo dia, voltou para casa, havia sido insultada, e escrevia uma carta ao ministro

¹²Carta enviada por Julia a José Américo (APJA).

contando o que se passara:

Nas vésperas da saída, por ocasião do dia do professor, fui insultada vilmente por uma criatura vil e miserável!!! Estava eu, atenta a uma visita amiga, que a acompanhava como se fosse criada!... Ao começarmos a conversa amiga, ela, brutalmente, disse-me!.. D. Julia a Senhora não significa nada, a Senhora é Tola, Maluca e Doida¹³.

Não demorou muito e voltou para o pensionato, a pedido do neto e com o apoio do padre do instituto, a razão alegada era o frio da cidade e as gripes sucessivas. A letra estava ainda mais trêmula. Contava de sua aflição e dos cabelos muito brancos, ela tinha ciência da piora de seu estado de saúde e vislumbrava que o quadro pudesse não ter volta. Em todas essas cartas, faltava-lhe a data, por esquecimento ou porque, o que é mais provável, já não tinha noção do tempo. É interessante notar que, apesar de todas essas mudanças em seu estado de saúde, ela se mantinha o contato com seu ex-aluno.

Em princípios do verão de 1966, parecia bem, voltou a datar e localizar a carta, a letra estava mais firme. Possivelmente, aceitava melhor a sua estadia no pensionato, tanto que brincava com os termos da correspondência remetida ao ex-ministro: “Desculpe a intrusa carta. Caduquice de 94”¹⁴. Foi transferida para o Asilo de Mendicidade Carneiro da Cunha, cujas mensalidades provavelmente eram pagas pelo ex-aluno. Pelo menos duas correspondências sucederam aquela, a última foi escrita em na folha de um bloco de papel. Apesar de não estar

¹³Carta de Julia a José Américo, provavelmente do ano de 1965 (APJA).

¹⁴Carta de Julia a José Américo, escrita no dia 01 de março de 1966 (APJA).

datada, decerto foi redigida no ano de 1967, quando José Américo foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Ela dizia que voltaria a Areia no dia seguinte, o que não devia ser uma previsão realista ou fundada em qualquer avaliação médica, tanto que, depois disso, já não houve mais cartas. Não se sabe mais de seu destino, é provável que tenha morrido nessa época.

Mas vale uma nota, naquela carta, a professora de primeiras letras despedia-se com um *post-scriptum* emocionado, que deixava antever o descaso do qual, de alguma maneira, ela o acusava, mas também a satisfação de acompanhá-lo ao longo da vida, ainda que de longe: “Por intermédio dos amigos, soube que, conseguiu o que desejava! “Ser acadêmico”, parabéns com votos de boa saúde e felicidades interminas!... Julia”.

A professora de primeiras letras e os projetos de memória de um homem de letras

Até o dia em que aprendeu a ler e a escrever, teria vivido como um animal, de um canto a outro do engenho, experimentando as sensações próprias de uma vida perto da natureza. Era essa a imagem que José Américo repetia em seus relatos de memórias e que, decerto, não correspondia à realidade. A educação é um processo mais complexo do que a aprendizagem formal da leitura, escrita e operações básicas, ou qualquer outro desses princípios que remetem ao saber escolar propriamente dito. As primeiras lições da vida foram apreendidas dentro de casa, por meio do exemplo e da censura da ama-seca, da mãe

e do pai, do convívio com as pessoas mais próximas (ALMEIDA, 1976).

A expressão, porém, comunicava mais do que essa primeira leitura mais literal sugere. Ao dizer que a professora de primeiras letras o tirava de uma vida selvagem, o escritor evocava uma imagem que circulava entre os letrados de que a vida civilizada seria oposta ao que era considerada a barbárie ou a “infância das civilizações”. Tomado por essa ideia, José Américo encontrou em sua história um ponto de inflexão, quando a barbárie deu lugar às luzes e a sua vida de *homem de letras* teria se iniciado. Contudo, isso também não era verdade. Aos sete anos, mais ou menos, o menino não sabia que seria um intelectual e político. Àquela altura, decerto ele se imagina em meio a uma infinidade de outras possibilidades. A julgar pelos seus próprios relatos, a prioridade estava era carreira militar e a trajetória de vaqueiro, ou senhor de engenho, o que era mais provável considerando o lugar onde nasceu (ALMEIDA, 1976).

Essa pretensa vocação inicial para o mundo das letras, na verdade, corresponde ao que Pierre Bourdieu (1996[1986]) chamou de “ilusão biográfica”. Isso acontece quando os sujeitos, tendo conhecimento dos caminhos que a vida tomou, conferem ao passado um sentido, uma direção, como se houvesse desde sempre um caminho a ser seguido. O autor discute que a vida não funciona dessa maneira, toda trajetória experimenta alocações e deslocamentos, há sempre uma série de projetos que não deram certo. Na verdade, são as pessoas no presente que reúnem uma série de fragmentos e conferem a eles uma

sequência, que tende a desconsiderar os percalços do caminho.

Em meio a esse cenário, José Américo é um personagem em certa medida peculiar, pelo menos se tomadas as trajetórias de muitas outras pessoas que, no século XX, ensaiaram as suas vidas públicas em algum campo de saber. Ao longo de sua vida, esse sujeito, que era um escritor constante na imprensa e teve projeção como romancista nos anos 1920, também alçou uma posição destacada na arena política nacional como ministro, senador e candidato à presidência da República. Entre um caminho e outro, ficou para esse sujeito, sobretudo à ocasião de seu afastamento da vida pública na segunda metade dos anos 1950, o desafio de encontrar um sentido para esse passado: entre intelectual e político, constituiria uma forma peculiar de ser *homem de letras*, a qual tinha por mito de fundação as aulas nas quais aprendeu a ler, escrever e contar.

José Américo mantinha contato com sua professora de primeiras letras desde o ano de 1938, momento a partir do qual decerto passou a dispor de maior atenção para o seu processo de escolarização. O certo é que, nas décadas seguintes, ele passaria a agenciar, de maneira mais ou menos consciente, essa relação com Julia, sobretudo no momento em que precisava criar narrativas públicas sobre a sua vida, como aconteceu na campanha ao governo do estado em 1950. Àquela oportunidade, é possível flagrar uma fotografia, nas quais ele e ela apareceriam juntos em João Pessoa.

O mito servia à organização dos fatos da vida e, dessa maneira, era possível pensar como as cartas da professora de primeiras letras

importavam nas elaborações da sua identidade e do espaço que esse sujeito construiria para si em seus tempos de velhice. Desde meados dos anos 1950, José Américo parecia especialmente preocupado com a elaboração de suas memórias. O momento era sintomático, ele encerrou o seu mandato como governador. Em 1958, o sentimento ganharia cores mais fortes, perdeu as eleições para o Senado. Era o tempo de recobrar o seu papel naquela sociedade.

Se até meados dos anos 1950, José Américo e Julia trocavam cartas ocasionais em temporalidades espaçadas, dali em diante essas correspondências se fizeram bem mais frequentes. Ao dia 11 de abril de 1955, em resposta a uma solicitação dela sobre o pagamento de sua pensão, o então governador deu notícia de que resolvera o problema e pediu que ela remetesse a ele um relato de algumas de suas lembranças do tempo em que ele fora seu aluno: “se tiver ideia de outras passagens interessantes do tempo da minha infância mande alguma coisa, que muito lhe agradecerei. É para um livro de memórias que será menos meu do que para Areia dos meus tempos”¹⁵.

Ela respondeu com um relato de seis páginas e, mais tarde, remeteu outro com sete páginas, o segundo com notícias de sua vida pessoal, dispondo sempre da caligrafia inclinada e desenhada que era a sua marca. Esses textos foram encontrados em outra parte do arquivo, distante das cartas, em uma caixa intitulada “documentos de terceiros”, repleta de esboços biográficos de outras pessoas, com cronologias e listas das obras de autoria de José Américo, mas também de projetos de

¹⁵Carta de José Américo a Julia, remetida ao dia 11 de abril de 1955 (APJA).

construção da memória do próprio personagem, com algumas portarias que davam notícia do tempo em que foi nomeado para alguns cargos públicos, destacadamente os primeiros – promotor público, procurador geral e conselheiro de estado. Essa disposição sugere que o projeto de montagem daquele material memorialístico havia andado. Em todo caso, o livro só sairia de fato duas décadas mais tarde. Julia decerto faleceu muito antes de ver publicado *Antes que me esqueça*, o que só aconteceu em 1976.

O livro contava que, ao tempo em que ele completou sete anos, chegou ao engenho uma prima de sua mãe, que deveria se tornar professora do menino, seus irmão e irmãs. Tratava-se de Julia, que começava a sua trajetória como professora de primeiras letras. Havia sido chamada para substituir outra senhora, que tinha por nome Germana, e que falecera à véspera da mudança para a casa da família. As crianças estudavam a cartilha e a tabuada sentadas em uma esteira e a mestra, ao ensinar-lhes a escrever, descobriu a miopia de José Américo (ALMEIDA, 1976).

De acordo com Paul Ricoeur (2007[2000], p.41) há um “privilégio concedido espontaneamente aos acontecimentos dentre todas as “coisas” que nos lembramos”. A esse respeito, é interessante destacar, sobretudo, a maneira como José Américo destaca os seus sentimentos, sobretudo nos momentos de aprendizagem:

Só me queixo de uma coisa. Meu talhe de letra, copiado de um modelo feminino, com um rabisco forte, por mais que caprichasse, tornou-se uma garatuja, uma caligrafia

hedionda. A professora insistia, fazia questão que a imitasse, e eu continuava a resistir. Resultado: aprendi a ler e não sei escrever (ALMEIDA, 1976, p.54).

A narrativa serviu ainda de anedota como justificativa para explicar a péssima letra que se tornaria uma marca desse intelectual, para a má sorte do pesquisador que, décadas mais tarde, tenta decifrar os seus códigos pouco acessíveis. Essas descrições, no entanto, faziam mais do que justificar o personagem e a sua péssima caligrafia. Em meio à descrição dos seus hábitos e sentimentos, o narrador indicava quando a sua trajetória tomou rumos próprios, alheio aos processos mais comuns que tomaram as vidas de seus irmãos e de suas irmãs, por exemplo. A partir desse momento, a vocação para as letras se colocaria como uma potência, um *plus*, que em tese conferia a ele, e não aos demais, essa sina de intelectual que marcaria a sua trajetória. Essa imagem, a propósito, era repetidamente reforçada pela professora em seus relatos constituídos *a posteriori*: “Da sua infância, estudando comigo, era diferente dos outros pequenos, não ia ao recreio com eles, sim com uma lousa (como chamavam) e um crayon, pedia-me para escrever o alfabeto e ia copiando, depois do n_{os} de 1 a 100”¹⁶.

O menino que se descobria em suas memórias como um sujeito que, desde muito tempo, seria dotado de uma vocação especial para a vida nas letras, consolidaria essa imagem também em seus muitos discursos memoriais, muitos dos quais proferidos na Academia Brasileira de Letras. Eleito para aquela agremiação em 1967, o

¹⁶Relatos de memória de Julia (APJA).

personagem passaria a viver largamente esse título em sua velhice, restando para si uma glória em tudo muito diversa daquela que teria a sua professora de primeiras letras – com poucos recursos, em um pensionato para idosos, sem o reconhecimento público do trabalho que a acompanhara durante toda a vida.

Considerações Finais

As correspondências foram suporte para um “teatro de memórias” pactuado entre o intelectual e político renomado e a professora de primeiras letras. Entre uma missiva e outra, as duas personagens provocavam as suas memórias ao passo em que acessavam os contrapontos e as confirmações trazidas pelos discursos da outra. Em outras palavras era possível pensar nessas cartas, em específico, como laboratório dessas memórias, que no caso de ambos os sujeitos não deixava de ser também lugar de uma elaboração intelectual – ele um intelectual *stricto-senso*, que escreveria livros de memórias; ela uma intelectual mediadora, que organizava arquivos e produzia novos sentidos a partir dos relatos que ele constituía.

Eram as correspondências laboratório, ainda que não exatamente no sentido proposto por Michel Trebitsch (1992), na medida em que não pressupõe “um modelo de amizade intelectual entre pares, unidos por preocupações comuns” (GONTIJO, 2004, p.166), mas uma relação tomada de diferenças, hierarquias e interesses díspares. A remetente das cartas consultadas era uma professora, ao que tudo indica sem formação em uma escola normal, que dependia do apoio financeiro de seus ex-

alunos para viver e da imagem pública deles para ser notada. O destinatário dessa mesma documentação era um *homem de letras*, reconhecido como tal no cenário nacional, que ocupou os mais altos cargos da República e foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras.

Os intelectuais mediadores se ressentem da falta de reconhecimento do trabalho que costumam exercer e sem o qual as ideias nem são produzidas e nem circulam na sociedade. Uma razão para essas diferenças, disseram Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016, p.17), eram as “disputas travadas nos meios intelectuais por reconhecimento, autoridade, posições e públicos”. Em meio a esse jogo de brios, entre os séculos XIX e XX principalmente, os intelectuais criadores passaram a dispor de instituições que legitimavam o seu trabalho, ao passo em que os intelectuais mediadores foram engolidos pelo mercado profissional em meio à taylorização dos processos de editoração e da precarização das condições do trabalho docente – em concomitância com a sua feminização – etc. Essas circunstâncias, a propósito, explicam os destinos mais ou menos gloriosos que esses dois sujeitos tiveram em suas velhices, mas também os motivos pelos quais foi permitido ao filho do senhor de engenho ou à filha bastarda do herdeiro cego de uma família arrasada ocupar determinados espaços.

A elaboração de uma carta carece de “tempo, disciplina, reflexão e confiança” (GOMES, 2004, p.19). Mais do que isso, trata-se de uma prática eminentemente relacional e que depende muito dos

códigos que um dos correspondentes emite para o outro. Esse pacto epistolar, no entanto, estava permeado de estratégias de comunicação, jogos de afetos e considerações. Observe-se o que fazia a professora, na maioria dos casos não precisava pedir explicitamente que o ex-aluno remettese alguma quantia, bastava informar dos muitos outros que o fizeram e das péssimas condições em que vivia. Também não era preciso cobrar atenção, ainda que ela o tenha feito, porém quando já tinha mais intimidade. Era suficiente reclamar o pouco caso que lhe davam ou informar que soube por outros do que acontecia na vida do destinatário. Ainda mais prestigiosos eram os relatos em que falava com orgulho das conquistas dele, mostrando sempre como aquilo tudo fazia parte de uma longa estrada, que ela havia iniciado.

Em meio a essa longa trajetória permeada por muitas cartas, a professora de primeiras letras e o intelectual e político renomado constituíram uma narrativa que se estabelecia como uma espécie de mito de fundação da vida profissional de ambos. Esse mito, evidentemente, mudou com o tempo e ganhou os contornos que o tempo presente lhe conferia. O que importa perceber desse processo, sobretudo, é que a narrativa elaborada entre cartas ultrapassou, em muito, o espaço dos dois correspondentes, tomando lugares em suas vidas e no espaço público de maneira geral. Ele consolidaria, com esses relatos de vida, a posição de um *homem de letras*, legitimado pela imprensa e pelos pares; ela arranjaria para si uma ambiência própria em Areia, associada sempre ao nome dele e com um pé importante na história daquela cidade.

Referências

- ALMEIDA, José Américo de. *Antes que me esqueça*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996[1986]. p.74-82.
- CAMARGO, Aspásia; RAPOSO, Eduardo; FLAKESMAN, Sergio. *O Nordeste e a política: diálogo com José Américo de Almeida*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 1984.
- DIAZ, Brigitte. *L'epistolaire ou la pensée nomade: formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d'écrivains au XIXe siècle*. Paris: PUF, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1985[1959].
- GOMES, Angela de Castro. O ministro e a sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: _____. (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2000. p.13-47.
- _____. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2004.
- _____. ; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016.
- GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2004. p.163-193.

OFFERLÉ, Michel. *Los partidos políticos*. Traducción de Cristián Vila Riquelme. Santiago: LOM, 2004[1987].

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Unicamp, 2007[2000].

TREBITSCH, Michel. Correspondances d'intelectuels: 1 écas de lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). *Les Cahiers de L'IHTP*, n.20, mars. 1992.

XAVIER, Wilson José Félix. *Razões e sensibilidades: um estudo sobre a construção do imaginário da docência feminina (1865-1917)*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

Recebido em 20/12/18 aceito para publicação em 05/07/19